



ALGUNS PONTOS DE BRILHO PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA¹

Vivian marina redi pontin

RESUMO

Este trabalho busca esboçar algumas discussões, demandas e reflexões a respeito dos desdobramentos de um marco legal para a educação física, qual seja, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2016). Todavia não é uma explanação detalhada de todo documento, tampouco uma explanação debruçada sobre a educação física, uma vez que o documento ainda está em construção. Trata-se de ressaltar pontos de brilho que merecem atenção para área da educação física e que podem contribuir para reflexões do Grupo de Trabalho Temático: Corpo e Cultura do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Esses pontos de brilho são a inserção da educação física na área das Linguagens e um relevo dado, no BNCC, à multiplicidade. A questão que, então, permeia o trabalho é de como apostar, mesmo que inicialmente, nesses brilhos e levantar algumas implicações deles para a área da educação física.

PALAVRAS-CHAVE: *corpo; multiplicidade; linguagem.*

ABSTRACT

This work seeks to outline some discussions, demands and reflections about a legal framework for physical education, namely, National Curricular Common Base (BNCC,

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



2016). Yet it isn't a detailed explanation about document all over, neither a leaning explanation of physical education, since the document is still under construction. It is noteworthy points of brightness that deserve attention to the area of physical education and can contribute to reflections in the Thematic Working Group: Body and Culture of Brazilian College of Sports Sciences (CBCE). These points of brightness are the inclusion of physical education in the Languages field and a certain emphasis given to multiplicity in BNCC. The question which then permeates this work is how to bet, even if initially, these points of brightness and raise some implications for the field of physical education.

KEYWORDS: body; multiplicity; language.

RESUMEN

Este artículo pretende esbozar algunos debates, las demandas y las reflexiones sobre el desarrollo de un marco legal para la educación física, a saber, la Base Nacional Común Curricular (BNCC, 2016). Sin embargo, no es una explicación detallada de todo lo documento, tampoco una de las explicaciones que se inclina sobre la educación física, ya que el documento está aún en construcción. Es, sobretudo, puntos destacables de brillo que merecen atención para la área de la educación física y que pueden contribuir a las reflexiones del Grupo de Trabajo Temático: Cuerpo y Cultura del Colegio Brasileño de Ciencias del Desporto (CBCE). Estos puntos brillantes son la inclusión de la educación física en el campo de las Lenguajes y un cierto relevo dado, en BNCC, para la multiplicidad. La pregunta que entonces impregna el trabajo es cómo apostar, incluso si inicialmente, estas miradas y levantar algunas de estas implicaciones para el campo de la educación física.

PALABRAS CLAVES: cuerpo; multiplicidad; lenguaje.



Compor é situar-se entre duas brincadeiras: o gesto de tocar um instrumento, cantarolar uma frase, e uma estratégia de articulação.

Silvio Ferraz. Livro das sonoridades.

INTRODUÇÃO

No belíssimo começo de *A ordem do discurso*, ou talvez no belíssimo não começo de *A ordem do discurso*, Michel Foucault (1996) fala de uma voz que poderia tê-lo precedido, vindo antes para envolvê-lo, e a ele, bastaria prosseguir a partir de uma suspensão e alojar-se em seus interstícios sem, no entanto, ter de começar. Era uma homenagem, já que Foucault assumiu a cátedra no *Collège de France* após a morte de Jean Hyppolite e esse texto é a transcrição de sua fala numa aula inaugural, e Foucault o homenageia como um intercessor. Entretanto, não há a voz mesma de Hyppolite na abstenção de começar, mas uma força ou ressonância pela qual é possível continuar mesmo sem o começo.

Abster-se de um começo, abster-se de começar. Para além da homenagem, não é a toa que Foucault escolhe esse movimento. Embrenhar-se numa linguagem envolve perigos e um esforço. A escrita, linguagem eleita para o jogo que aqui se coloca e o discurso que se coloca ali para Foucault, envolve o perigo de ter que começar, todavia, há muitos começos para uma escrita e um discurso, é preciso eleger um. Começos que são as muitas vidas que pululam em cada coisa que se escolhe para compor uma escrita, um discurso – filosofias, literaturas, artigos, acontecimentos, dados, quadros, experiências, enfim, corpos com os quais se faz corpo numa escrita, num discurso. Sobre alguns outros perigos, eles estão nas relações que se podem formar com tais corpos, e no que essas relações podem proliferar. O

ANAIS DO VIII CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE - Criciúma-SC – 08 a 10 de setembro de 2016
 Secretarias do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul)
 Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/8csbce/2016sul/schedConf/presentations>
 ISSN: 2179-8133



esforço está não só nos começos, mas também na necessidade de continuar.

Tais gestos de Michel Foucault inspiram essa escrita ao ter como aposta um fazer ressoar forças que estão presentes num marco legal para a educação física, bem como homenagear algumas referências com as quais se quer também somar forças.

O marco legal em questão é a Base Nacional Comum Curricular², um documento ainda em formação, quase concluído, de iniciativa do Ministério da Educação, integrando uma Política Nacional da Educação básica brasileira, diretamente ligada às Diretrizes Curriculares e a construção de um Sistema Nacional de Educação. Esse documento foi produzido por um “amplo processo de debate e negociação com diferentes atores do campo educacional e com a sociedade brasileira em geral” (BNCC, 2016, p. 24).

Não se fará aqui uma longa exposição do documento e seus pormenores, mas sim a extração de alguns pontos de brilho no que se refere ao componente curricular educação física, quais sejam: esse componente como integrante da área de Linguagens e um relevo dado à multiplicidade.

De certo há muito brilho para um pequeno espaço de exposição, mas trata-se de um exercício conciso em que se prepara uma escrita que faz corpo com a luminosidade e com a espessura, a consistência que esses pontos trazem para educação física.

LINGUAGENS

A matéria da criação de sua linguagem, o corpo,
estava embrutecida, era preciso poetizá-la.

² Versão disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Para essa versão as citações serão referenciadas com a sigla BNCC, 2016.



Carmen Soares e José Madureira. Educação física, linguagem e arte...

Mas o que seria pensar na educação física enquanto integrante da área de Linguagens?

O BNCC dá algumas indicações, escassas, às quais seria necessário ampliações. Na verdade valeriam muitas teses, dissertações e trabalhos para se esboçar um pensamento digno dessa questão. Um de seus brilhos está nessa necessidade, necessidade de pensar sobre isso e de repensar uma prática dentro da escola com essa questão.

Essa questão não é nova, uma vez que ela se colocou nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, nos quais a educação física participa da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias em 2000³. Todavia não se tratará de um histórico e suas incidências nessa escrita. Se há uma persistência na questão da linguagem, o que se pretende pensar são em seus desdobramentos.

As indicações que o BNCC fornece são de que a linguagem está relacionada com a capacidade de expressão, de dar expressão à alguma coisa, e se constitui enquanto prática social, “abrange também diferentes formas de experiências: estéticas, sensoriais, sensíveis, corporais, sonoras, cinestésicas, imagéticas, performativas” (BNCC, 2016, p. 86), e de que as práticas de linguagem são, pois, possibilidades de configurar relações.

Falar em linguagem pode provocar remissões, tais como: as associações com a comunicação, a semiótica – que estuda a linguagem, suas estruturas, produção,

3 Sobre essa questão da inserção da educação física nos Parâmetros Curriculares ver MATTHIESEN, Sara Quenser *et al.* Linguagem, corpo e educação física. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, ano 7, v. 1, n. 2, p. 129-139, 2008. Nesse artigo é possível encontrar ainda outras referências.



significação, sentido e signos nela envolvidos –, a linguagem enquanto instrumento de conhecimento e construção de mundo, como interação social, o não-verbal e o verbal, as descrições versus as explicações, gramática e léxico, trocas de informações, codificação de símbolos, transmissão e assimilação etc. Essas remissões convocam uma espécie de imensidão, que parece distanciar o corpo da linguagem, ou pelo menos colocar barreiras, obstáculos que precisam ser transpostos. Distância do corpo, distância do corpo da escrita, que busca palavras para dizer da linguagem – metalinguagem – sendo que são com as próprias palavras que se quer dar expressão para a relação entre corpo e linguagem.

Mesmo na rápida indicação do BNCC, a ideia das diferentes formas de experiência e da criação de relações é muito cara. A experimentação coloca essas duas questões em movimento, e assim lança um raio de brilho da área da linguagem para a educação física – a experimentação com um corpo das diferentes manifestações das culturas corporais de movimento.

Apostar nesse raio de brilho é assumir tanto a linguagem como a educação física enquanto práticas sociais que se valem de uma política e uma política é, para além de posicionamento aprisionante, uma circulação de afetos, um “movimento de desejos que não é meu, mas no qual estou implicado” (SAFATLE, 2015, p. 15), a formação de um “corpo político” (SAFATLE, 2015, p. 16) que inclui todos – humanos e não-humanos para usar a expressão de Bruno Latour.

Compreender “o poder é uma questão de compreender seus modos de construção de corpos políticos, seus circuitos de afetos com regimes extensivos de implicação” e para mudar a relação de forças que aí se configuram é preciso “forçar a produção de outros circuitos” (SAFATLE, 2015, p. 16). Uma vez que “as produções sociais nos campos da linguagem, do desejo e do trabalho são avaliadas em referência a normatividades que



parecem intersubjetivamente partilhadas e, por isso, dotadas de força de coesão” (SAFATLE, 2015, p. 16), há um movimento que se direciona exatamente para a crítica à essas formas de coesão.

No entanto permanecer na crítica sem propor outras formas de contato, contágio dos corpos com as experimentações pode ficar vazio de sentidos. O que significa dizer, para a educação física, que permanecer na crítica aos modelos de racionalidade das pesquisas e construções de conhecimento, permanecer na crítica ao esporte de alto rendimento, permanecer na crítica das sujeições ao sistema neoliberal de produção seja na escola, nas políticas públicas etc. é importante, mas pode, também, permanecer vazio. A ideia da crítica precisa vir acompanhada, para que se possa experimentar isso nos corpos, de produção e circulação de outros afetos para além da crítica, da repulsa. É preciso forçar o pensamento a furar as normatividades desde dentro delas.

Entender que em cada uma das manifestações da cultura corporal de movimento e seu modo de expressão é produzido um corpo para tal, por exemplo, é produzido um corpo para jogar futebol profissionalmente, assim como é produzido um corpo para jogar futebol de várzea num campo surrado, e são corpos diferentes que são produzidos, bem como são mobilizações afetivas diferentes que também os produzem. Há de se experimentar tais corpos, individuais e coletivos.

Se não é possível pensar sem apelar às metáforas corporais é porque, na verdade, constituir vínculos políticos é indissociável da capacidade de ser afetado, de ser sensivelmente afetado, de entrar em um regime sensível de *aisthesis*. As metáforas do corpo político não descrevem apenas uma procura de coesão social orgânica. Elas também indicam a natureza do regime de afecção que sustenta adesões sociais (SAFATLE, 2015, p. 23).

Porque nem sempre são por deliberações explícitas e racionais que os corpos agem,



se colocam.

Lembrando que a linguagem envolve perigo e esforço, ao colocar a Educação Física nesses termos, é preciso andar na corda bamba por entre normatividades e mobilizações afetivas, destituindo delas o julgamento a priori, para construir com elas um corpo-a-corpo linguageiro das manifestações da cultura corporal.

MULTIPLICIDADE

Alguém me disse que um livro de poesia é diferente. É uma máquina muito mais rápida. A cada vez que passa, passa de outra maneira. Deve ter pés estranhos.

Gonçalo Tavares. O homem ou é tonto ou é mulher.

Bruno Latour (2008) inicia seu texto *Como falar do corpo* perguntando sobre qual seria o antônimo de corpo, seu oposto, seu contrário. Algumas respostas aparecem como: morte, anticorpo, ninguém, insensível, entre outras. Cabe lembrar que esse texto fora, antes de ser publicado, uma palestra e sua versão original saiu numa revista em inglês, portanto a resposta *ninguém* faz mais sentido na língua inglesa – *nobody* – como oposto de corpo – *body*. Diante de certa comicidade nessa pergunta, na verdade nas respostas que se pode dar a ela, o texto não possui o intuito de respondê-la, mas, isso sim, de problematizá-la. Para o autor, o corpo não é “a morada provisória de algo superior – uma alma imortal, o universal, o pensamento – mas aquilo que deixa uma trajetória dinâmica através da qual aprendemos a registrar e a ser sensíveis àquilo de que é feito o mundo” (LATOUR, 2008, p. 39). Para além, ou aquém, de uma visão instrumental do corpo, em que há uma serventia e aquilo



que a supri, uma função e um habitante que a cumpra, um emprego e aquele que assume o cargo, ou se preferir, corpo e alma, corpo e espírito, substância e essência – toda uma concepção que olha para o corpo a partir de um dualismo – a aposta é num corpo capaz de afetar e ser afetado.

Essa falta de localização, que o dualismo convocaria, não é uma fragilidade, mas uma potência para pensar o corpo. Afinal, ao aumentar as chances de afetar e ser afetado, ampliando aquilo que se sabe do corpo, aquilo com que ele entra em relação, aquilo que pode um corpo – essa é uma aprendizagem pelo e no corpo, aumentar o número de versões, mesmo que contraditórias, mesmo que desdizendo uma a outra, versões de um corpo e de um mundo – “Quanto mais controvérsias articulamos, mais vasto se torna o mundo” (LATOUR, 2008, p. 45). E isso tem muito a ver com o múltiplo.

A respeito da multiplicidade, o BNCC ressalta a ideia de vivenciar algumas práticas enquanto maneira de acessar um conhecimento, uma experiência, “desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos/significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento, não se limitando, apenas, a reproduzi-las” (BNCC, 2016, p. 100).

Nem reprodução, nem a ideia de que existe a maneira correta de repetir o gesto corporal de determinada manifestação cultural. Não é uma questão de definição quando se aciona a multiplicidade, pois “não faz sentido definir o corpo diretamente, só faz sentido sensibilizá-lo” (LATOUR, 2008, p. 39), bem como não faz sentido definir o movimento ideal, mas faz mais sentido colocar o corpo em contato, possibilitá-lo experimentar.

A multiplicidade que dilata, que recolhe versões e as coloca em movimento. A cada experimentação “adquirir um corpo, adquirir partes do corpo que não pertenciam a ele e que a experiência coloca como uma parte corpórea que não é um mero acessório, mas se



torna imprescindível, vital” (PONTIN, 2015, p. 48), adquirir movimentos, transformá-los, torná-los povoados no corpo e com o corpo.

Dessa forma, para além de uma ética das relações, que pode destituir o julgamento – bom ou mau movimento, correto ou errado – e permitir que a educação física realmente dê condições de possibilidade de compreensão dos movimentos e da cultura corporal, porque eles são vividos e não meramente corrigidos.

Lembrando da linguagem dos inícios sem começo, com a qual se busca uma força ou ressonância em que é possível continuar, para a educação física é possível vislumbrar e construir com aquilo que Mauro Betti (1994) chama de um *saber orgânico* – um saber e sentir movimentar-se e um saber sobre esse movimentar-se, talvez aí linguagem e multiplicidade tragam flores para essa área de conhecimento e intervenção pedagógica⁴.

INCORPORAR

Sendo assim, das contribuições iniciais que foram aqui trazidas, há ainda muito trabalho pela frente, especialmente do papel para o corpo. Porque não adianta ter uma legislação como o BNCC, em que nela é ainda possível tocar em brilhos, é preciso que isso seja pensado nos currículos e na formação do profissional de educação física e esporte.

Entretanto, a querência por reflexões posteriores a respeito da linguagem e da multiplicidade não segue vias completamente aleatórias, em que se pode perder o rumo dos corpos. É preciso pensar esses dois termos enquanto mobilização política dentro da área.

Há implicações dessa discussão para o campo do lazer e esporte, uma vez que a

4 “A Educação Física não é uma disciplina científica, mas uma área de conhecimento e intervenção pedagógica que expressa projetos sociais e historicamente condicionados, os quais, por sua vez levam à construção dos objetos da pesquisa científica, a qual se exercita e transforma constantemente no seio da comunidade acadêmica” (BETTI, 2005, p. 183).



educação física é o componente curricular que pode abarcar esses campos, não sendo o único.

Ao chamar a atenção para vias aleatórias reforça-se que não é uma questão de encontrar semelhanças, oposições, identidades e analogias, ou seja, de que a educação física é (como) linguagem, mas de pensar, isso sim, nas relações que se podem produzir entre educação física e linguagem, educação física e multiplicidade.

Isso porque os movimentos de semelhança, oposição, identidade e analogia apenas garantem encontrar aquilo que já estava lá, antes e sempre – de que a educação física sempre foi linguagem e daí decorrem todos os julgamentos, de uma educação física como linguagem militarista, por exemplo.

O movimento que se empreende aqui e que se pretende continuar é da incorporação de questões relativas à linguagem e multiplicidade que podem levar a pensar uma educação física. Tal movimento reflete um pensamento político, como definido por Vladimir Safatle (2015, p. 20):

Por outro lado, as metáforas do corpo político nos lembram como não é possível haver política sem alguma forma de incorporação. Não há política sem uma encarnação, em alguma região e momentos precisos, da existência da vida social em seu conjunto de relações [...] Uma encarnação não é necessariamente uma representação, mas um dispositivo de expressão de afetos.

Educação e política pensadas aqui como mobilizações afetivas, por isso o empenho em circunscrever, mesmo que momentaneamente e borradamente, uma região na qual se continuará a pensar na relação entre linguagem, multiplicidade e educação física.

REFERÊNCIAS

ANAIS DO VIII CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE - Criciúma-SC – 08 a 10 de setembro de 2016
 Secretarias do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul)
 Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/8csbce/2016sul/schedConf/presentations>
 ISSN: 2179-8133



BETTI, Mauro. O que a semiótica inspira ao ensino da educação física. *Discorpo*, São Paulo, n. 3, p. 25-45, 1994.

_____. Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. *Revista brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 183-197, jul./set., 2005.

BRASIL. *BNCC*. Proposta preliminar (segunda versão – revista) [do] Ministério da Educação da República Federativa do Brasil, Brasília, abril 2006. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>.

FERRAZ, Silvio. *Livro das sonoridades* [notas dispersas sobre composição] – um livro de música para não-músicos ou de não-música para músicos. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso* – aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo (orgs.). *Objetos Impuros: experiências em estudos sobre a ciência*. Porto: Edições Afrontamento e autores, 2008.

PONTIN, Vivian Marina Redi. *Fragmentos e movimentos mínimos. Encontros entre escrita e corpo*. 2015. 88 f. Tese (Doutorado) – Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2015.

SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SOARES, Carmen Lúcia; MADUREIRA, José Rafael. Educação física, linguagem e arte... *Movimento*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 75-88, mai/ago, 2005.

TAVARES, Gonçalo M. *O homem ou é tonto ou é mulher*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra,



2005.

ANAIS DO VIII CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE - Criciúma-SC – 08 a 10 de setembro de 2016
Secretarias do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul)
Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/8csbce/2016sul/schedConf/presentations>
ISSN: 2179-8133